

Dieta dos bugios revela segredos das matas

Estudos comparativos, realizados em diferentes fragmentos florestais do Sul e Sudeste, mostram a interação entre a riqueza biológica das matas e a dieta, o comportamento e as taxas de reprodução dos bugios. A sobrevivência de longo prazo destes animais, indica a pesquisa do Probio, não é só uma questão de tamanho da mata preservada.



Marcia M. A. Jardim/Divulgação

Campinas - Dois fragmentos florestais de Mata Atlântica, de mesmo tamanho, podem oferecer chances muito diferentes de sobrevivência a longo prazo para os animais

residentes. E não só de sobrevivência: no dia a dia do macaco bugio - a espécie indicadora estudada - a riqueza biológica da mata determina mudanças significativas na dieta, comportamento e até nas taxas de reprodução. Estes são alguns dos resultados preliminares de um estudo, realizado nos últimos 4 anos, em matas de São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, no âmbito do Programa Nacional de Biodiversidade (Probio/Pronabio), coordenado pela Fundação BioRio.

A comparação entre dois fragmentos florestais de São Paulo, na região de Campinas, revelou-se especialmente interessante porque ambos são do mesmo tamanho - 250 hectares - mas em estado de conservação bem diferente. A Mata de Santa Genebra, ilhada pela agricultura e próxima de bairros periféricos, apresenta-se mais degradada, mais sujeita a intempéries, disponibilizando menos flores e frutos para os bugios (*Alouatta fusca*). A Mata Ribeirão Cachoeira, mais isolada e menos perturbada, já oferece mais variedade e abundância de alimento, além de ter maior disponibilidade de água e estar mais abrigada contra ventanias.

"Notamos uma grande diferença sazonal na dieta dos grupos de bugios, observados tanto na estação chuvosa como na seca", conta Eleonore Setz, da Universidade Estadual de Campinas, uma das coordenadoras do estudo

comparativo, que inclui outros 2 coordenadores e 26 pesquisadores. Segundo Eleonore, os bugios comem mais folhas durante os meses de seca e mais frutos e flores nos meses de chuva. Isso era esperado, tendo em vista a disponibilidade dos diferentes alimentos. O inesperado foi a diferença entre as duas matas: na Santa Genebra, nos meses de seca, 88% da dieta dos bugios é composta de folhas, contra 79% na dieta de Ribeirão Cachoeira. No verão, a diferença se acentua: os bugios de Santa Genebra continuam comendo 74% de folhas enquanto os de Ribeirão Cachoeira restringem as folhas a 28% da dieta e regalam-se com flores (32%) e frutos (36%).

O regime forçado não é sem conseqüências, explica a coordenadora do estudo. As folhas têm mais alcalóides e taninos, compostos tóxicos que demoram para ser digeridos ou podem mesmo interferir no aproveitamento dos nutrientes. Sem contar que as folhas têm mais fibras e passam mais devagar no trato intestinal. "O resultado é que os bugios da mata mais degradada descansam pelo menos 10% a mais do que os da mata mais intacta, passando mais de 60% do seu dia em repouso", continua.

As frutas e flores, ao contrário, são responsáveis pelo acúmulo de gordura e nutrientes, essenciais para a reprodução. E o primeiro impacto visível da dieta empobrecida é justamente uma prole menos numerosa. Nas matas mais preservadas, praticamente todas as fêmeas em idade reprodutiva tiveram filhotes, durante o período de observação. Mas nas matas mais degradadas não foram registrados nascimentos.

Um outro componente surpresa surgiu durante a pesquisa: o consumo de cipós. "Inicialmente nem havíamos incluído a análise dos cipós, mas verificamos que eram bastante consumidos pelos bugios das matas perturbadas, sobretudo na estação seca", observa Eleonore. Nas matas mais ricas, o consumo de cipós (folhas ou brotos) é inferior a 20% da dieta, sendo mais 80% de partes das árvores (folhas, brotos, flores e frutos). Nas matas degradadas, os cipós representam mais de 60% da dieta.

Além de observar os bugios, os pesquisadores coletaram amostras das folhas, frutos e flores consumidos, em alguns casos realizando verdadeiras escaladas para chegar à copa das árvores. Estas amostras estão sendo analisadas no Núcleo de Pesquisa de Produtos Naturais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) quanto à presença dos compostos tóxicos e compostos secundários, para se ter um quadro da qualidade nutricional da dieta. Os resultados finais do estudo comparativo, a serem apresentados provavelmente no início de 2002, darão suporte a programas de conservação dos bugios e outros primatas, além de servir de base para recomendações técnicas no enriquecimento de fragmentos florestais e constituição de corredores de fauna.

Os recursos investidos diretamente no estudo totalizam R\$370 mil, nos 4 anos, e vieram do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do Probio, e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).